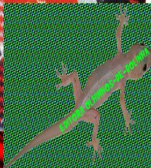


Uma mulher. Um homem.
Ou os dois liquidificados!
Duas histórias de dois
humanos em lados opostos.
"Como eu faria
para liga-las???"



tiragem limitada!!

(CÊ TÁ COM) A FACA E O QUEIJO NA MÃO



novela pequena

 Tô c/ a faca e o queijo na mão

Paulo Vitor Rossi

A FACA E O QUEIJO NA MÃO

Revisão: Luiz Antonio de Souza Jr

© paulo vitor grossi, 2011

Uma novela pequena de

paulo vitor grossi

Mas o homem que vem de cruzar de novo a porta da muralha jamais será igual ao que partira para essa viagem. Será, daí por diante, mais sábio, embora menos arraigado em suas convicções, mais feliz, ainda que menos satisfeito consigo mesmo, mais humilde em concordar com a própria ignorância, embora esteja em melhores condições para compreender a afinidade entre as palavras e coisas, entre o raciocínio sistemático e o insondável mistério que ele procura, sempre em vão, compreender. (*As Portas da Percepção*, Aldous Huxley).

– Não há uma única mulher – declarou Eumolpo –, por mais fria que seja, que uma nova paixão não possa levar aos maiores excessos. Para provar o que digo, não é preciso recorrer às antigas tragédias, citar nomes famosos dos séculos passados. Para provar-lhes, contar-vos-ei um episódio ocorrido em nossos dias. (Satíricon, Petrônio).

Uma mulher. Um homem. Ou os dois liquidificados! Duas histórias para dois humanos em lados opostos. Cada qual, seu capítulo. Julia, Horizontal e “O Velho”, Vertical. Está o universo inteiro – deles - em jogo, em xeque, espiando, sorrindo e questionando. “Como eu faria para ligá-los??”, pergunta-se o ser que atende pelo nome de Folgato, cuja influência sobre as pobres personagens move sua própria rasura. Talvez onde estejam isso seja normal, ou não! Tudo bem, peço que supere o fato de não haver maturidade ao par em questão. Não se assuste com o teor narcisista, deve ser coisa de época! Seja você também um aventureiro da mente. E “boa sorte”.

PARTE PRIMEIRA

“Abandonar o homem a seu destino opaco”
(André Breton)

CAPÍTULO 1: “Fase salgada: Vinho e Podrões”

“Oh! Mas que pena que não se possa viver apenas esfregando a barriga!”

(Diógenes de Sínope)

“O Velho” chega. HUUU, o velho viciado em saídas. Nem se assusta, volta para casa, a eterna segurança... sóbria. Vagou pela noite fria do final de julho, pálida e com neblina. Ahhh, uma cascata de visões e poucas pessoas no sereno ressoar. Veio de bicicleta e, nesse percurso, viu um sapo – ou rã, sei lá, cara – que tava morto e virou casca no asfalto, pra depois ser visto como documento de chão há algum tempo desconhecido. Foi o que ele classificou nessa noite de aparições.

Em casa, a TV tá ligada, mas ele nem presta atenção. Também um colchão surrado ao lado e a sala vazia. Prepara um hambúrguer com queijo e maionese excessiva. Deita pra comer e descansar de nada. Tava bom, e é o começo: pega o vinho barato de R\$ 3,49 na geladeira. Ferrugem não o atrapalha. E bebe um gole, outro, outro e deita no colchão. Desliza pela fadiga e noite extasiante: é a vida, o andar, nada de emprego. São as relações. É o início, em plena quinta-feira.

Sente o ócio controlado. Era pra sair novamente? Tava ficando paranóico. Ele também era um gato comum das ruas, um transmissor da hora – cheio de resina de tartaruga? Na pele? Não. Ele já foi período, agora é deslocamento e liberdade sem namoro. Ele dá uma pausa, olha para frente. Pausa e pensa:

– O que estou dizendo em terceira pessoa? Sou eu mesmo aqui. *Píú!!* ***, que mané. Meus pensamentos fluem em rios... E assim vou contar as coisas! Sou O Velho.

Tempo de natureza, guerra. Uma melodia MPB/rock salta aos meus *olvidos*. Em cada nota, uma mensagem! Assalto sem armas, sinfonia de desilusões com o mundo, reação coletiva, corpo, reflexões, obra natural e a história dum homem. Peça e apresentação porca –

em quem me inspiro? A contemplação foi antiga... tudo sonho, e termina. Alô! Boa noite e até amanhã.

Lá vem o Gordo! Carrega a televisão nas costas. Melhor tirar da tomada direto, claro. *Adiós*, jornal página de vida, amizade, comercial de TV. Pô, o meu hamster antes de morrer roeu alguns botões do controle remoto. Como posso trocar de canal? Tédio sovino. Foge, ratinho... O ratinho fugia. Talvez eu te mate. Ainda que desta vez não tenha rolado, não voltou... devo oferecer-lhe vela? É meu convidado ou não?

Correria pra cozinha: sou um ator não desenvolvido. Onde estão meus papéis? Na fome, no tabaco. Fumaça densa. Larguei o cigarro, fumo esse tal fumo pra cachimbo. Faço meus cigarrinhos com eles, mas não trago. É uma opção.

Desgosto depara-se ao fim de noite. A cor é bronze. Ele é culto demais. Daí estraga, meus caros. O pôr-do-sol emburrou! A cara descabelada. Minha cara. “O que não diz no anterior, *fosso* aqui”: traição!... traição, lua brilhante, sol brilhante... e a lua brilhante para os queridos corpo e alma... Um som sem escutar. O pôr do sol *emburrou!* Dormir, vinho pra dormir. Sonho pra sonhar.

CAPÍTULO 2: “Uma data no espaço e algo novo:”

“Eu não era culpada, mas sinto que vou morrer criminosa.”

(Astarté)

“considerou então os homens como eles na realidade são, insetos devorando-se uns aos outros num átomo de lama.”

(Zadig)

“Tudo é perigoso neste mundo, e tudo é necessário.”

“Eremita” Do livro *Zadig ou O destino*

(Voltaire)

Menti, confesso, aumentei a história!! Ler não é criar uma expectativa? Qual o porquê de se escrever este livro? Resposta pessoal: coisa de mulher interativa... E meu nome é Julia!

Cá mostrando um livro sobre uma Julia que não existe mais totalmente – eu nem existo! Sou pura ficção da minha própria cabeça moderninha. Mas ando aqui, apresentando-me esmagando dedinhos: literária e nem um pouco conceitual – de lado com os esquemas *escritivos*. É minha vida, meu lado pessoal, meu olhar para dentro, por eu mesma, já que a desordem me atrai; minha intimidade jogada ao vento: sou muito mais mulher do que tantas piratas por aí.

Não preciso, ué... nem tenho disponibilidade para ficar enriquecendo muito. Não sou nenhuma profissional. Só vou falar o necessário, aquilo que veio do jeito bobo que é.

Percebam: analisar é bom, surpreender é interessante. Sei que poderia dar alguns caminhos. Contudo, deixar pistas é mais revelador. Sei que vou largar muitos fatos, pessoas etc. de lado, mas isso é normal. São acidentes do subconsciente – quem liga pra tanto?

É história, é impressão, é biografia, é cotidiano e mentalidade. E depois é a concentração bastarda, nada do que disse fiz...

Espalho Julia em várias formas e ações: uma mulher tentando abraçar o mundo, e ele é claro e vazio... Como um rio, tem dificuldades. É história, é narração de momento. No canto, entre quatro paredes sujas à base de seduções e psicotrópicos!

É pelo silêncio dos intervalos de fluxo mental seguido do

jorrar-composição que desenvolvo. Daí vem. Dançar sobre mim? É desejo, é tratamento; escrevo. Um dia alguém vai ver ou ouvir: as cartas de amor rasgadas e picadas em pedacinhos que foram jogadas no bolso; roubos, furtos, mentiras, reflexos, hábitos litigiosos, adolescência.

Às vezes, muitas vezes, roubo e minto coisas imateriais, mas porque é boa a adrenalina nas minhas veias moças. É... de propósito.

Julgar as pessoas, autocrítica, perfeccionismo, mau humor, autoritarismo etc... “Ela é realista demais. Ela é frágil e tácita”, diziam. Tácita? Não pode ser real. Mas escondo, secreta, senhora de mim, pois tenho coisas a dizer, e as acho demasiado relevantes, fortes, feministas... Não pensem que eu sou esquisita ou má pessoa. Muito pelo contrário, sou apenas sincera e emotiva. Adoro a vida e novos ares. Sou simples, mais do que pensam. Apenas pensativa demais – um óleo entre dedos me surpreendendo. Minhas juntas renovadas: penso, vivo. Amante em todos.

Julia conflituosa, louca pelo jeito “Clarice escritora”, e não escondo... Quem é que pode me proibir? Deus na figura dum homem ou um homem na figura de um deus? Não adianta proibir o instrumento. A curiosidade e a teimosia humana fazem mostrar o contrário, como uma criança, e crianças precisam de uma estrutura familiar positiva para se tornarem adultos sem problemas. Mas vem a adolescência e aí... Desculpem-me, crianças. Desculpem-me, adolescentes, não é pra atingir ninguém. Desculpa? Os sonhos da juventude devem ser cultivados e concretizados enquanto há tempo, porque quando se é adulta eles não voltam... Sim... porque já foram esquecidos. Por isso, tento dizer tudo agora. Por isso, os dualismos. É necessário. No final das contas, humana demais. É da minha natureza ser assim tão Julia – contudo já sei que “Egoísmo” é coisa da essência de nós, humanos sedentos por carne, devendo este mesmo “Egoísmo” ser controlado e subjugado o mais rapidamente. Também não é só atual ser dramática. Tudo, sim, deve deixar de ser tabu. Eu sou jovem, sinto isso. Posso o Cosmos!

Nesta continuação de algo, estou realmente suada. Converso comigo. E chego à conclusão de que não vou ser uma cadelinha, porque não tenho mais limite – este foi o último desjejum do tipo sociedade/família.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

